

# **SEMI-PRESENCIAL: MESCLANDO EXPERIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E PRESENCIAL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**CURITIBA/PR MAIO/2017**

**NATHALIA SAVIONE MACHADO** - Centro Universitário Internacional UNINTER - nathcipead@gmail.com

**DINAMARA PEREIRA MACHADO** - Centro Universitário Internacional UNINTER - dinamara2110@gmail.com

**Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)**

**Natureza: DESCRIÇÃO DE PROJETO EM ANDAMENTO**

**Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS**

**Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR**

## **RESUMO**

*O artigo apresenta um estudo comparativo entre seis cursos da modalidade semipresencial, de duas instituições de ensino superior, com o objetivo de demonstrar a maneira como as duas instituições utilizam a modalidade semipresencial na graduação. O estudo teve o caráter exploratório desenvolvido a partir da abordagem do método misto, compartilhando investigação qualitativa e exploratória, com análise documental. Diante disso, constatou-se que existem diferentes modelos e interpretações sobre a modalidade semipresencial havendo pontos de convergências e divergências entre eles que apresentam potencialidades e fragilidades em cada contexto. É evidente, portanto, a necessidade de compreensão sobre o engajamento discente frente às novas abordagens metodológicas.*

**Palavras-chave: Ensino híbrido. Ensino Semipresencial. Educação Superior. Inovação Pedagógica. Personalização.**

## 1. Introdução

Os modelos pedagógicos da educação superior estão mudando a partir da ressignificação das teorias de aprendizagem, da utilização das tecnologias digitais e remodelação de antigas ferramentas, que resultam em novas configurações da forma de fazer educação, permitindo discutir o ensino híbrido e outros modelos pedagógicos. Tal fato ampliou-se com a publicação da portaria nº 2.253/2001 (BRASIL, 2001), mais tarde revogada pela portaria 4.059/2004 (BRASIL, 2004) e atualmente regulamentada pela portaria nº 1.134/2016 (BRASIL, 2016). Esta legislação passa a permitir, no Brasil, a possibilidade de oferta de até 20% (vinte por cento) da carga horária total dos cursos de graduação utilizando-se da modalidade a distância.

Assim, os cursos de graduação regularmente autorizados, ofertados na modalidade presencial, desde que atendido o disposto na legislação, podem ter parcialidade a distância. Desta forma, as instituições se organizam e desenvolvem novas formas de ensinar e aprender, conforme posto por Kenski (2012, p. 60) de que “as velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender”. Tal fato é percebido quando analisamos no Censo ABED (2015) que havia naquele momento 92 (noventa e duas) instituições que dispunham de organização curricular semipresencial e que somavam 3.453 (três mil quatrocentos e cinquenta três) cursos.

Tendo em vista os aspectos observados, apresenta-se um recorte da pesquisa de mestrado de uma das autoras do presente artigo. Optou-se em apresentar brevemente a revisão teórica, o cenário e algumas perspectivas de caminhos para o desenvolvimento da modalidade semipresencial nas instituições, a fim de que o conhecimento ora obtido auxilie na elaboração do projeto pedagógico dos cursos, nos planos de ensino das disciplinas bimodais e na atuação dos docentes nos diversos espaços da sala de aula. Para isso, analisa-se os resultados parciais da pesquisa documental com o objetivo de demonstrar a como duas instituições de ensino superior do sul do país utilizam a modalidade semipresencial na graduação. Principia-se pela identificação, análise e comparação de tecnologias e de modelos para implementação da carga horária a distância nas disciplinas da graduação presencial de duas instituições, sendo uma pública e outra, privada.

Tomando como base as ideias apresentadas até então, este trabalho está organizado em cinco seções. Caracterizam-se na seção 2, as Tecnologias Digitais aliadas à educação, a modalidade Semipresencial e sua fundamentação teórica. Na seção 3, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados e na seção 4, são analisados

os dados levantados na pesquisa documental. Finalizando, na seção 5, discorre-se acerca de algumas considerações acerca do tema abordado.

## **2. Tecnologias digitais aliadas a Educação no Ensino Superior**

A utilização das tecnologias da informação e comunicação tem se mostrado um eficiente instrumento de suporte ao processo de ensino e aprendizagem, mas por si só não é capaz de mudar a forma de ensinar e aprender (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2012) . Kenski (2012) afirma, que os discentes não querem mais ficar passivos diante das tecnologias sendo simples usuários, eles querem participar. O desafio atual é pensar numa educação em que os alunos tenham autonomia em relação a sua própria aprendizagem, que saibam selecionar conteúdos de interesse, que possam participar das atividades, independente do tempo ou do espaço geográfico (OLIVEIRA NETTO, 2005) . Kenski (2012, p. 52) acrescenta que são inúmeros os casos de jovens que “abrem-se para o espaço das redes, aprendem sozinhos a descartar o que é irrelevante, a relacionar dados aparentemente díspares, a construir suas próprias páginas”. Nesse mesmo sentido, o relatório Horizon Report: Higher Education Edition (NMC, 2016), afirma que as instituições que adotam modelos de aprendizagem híbrida on-line/presencial têm o potencial para alavancar as habilidades que os alunos já desenvolveram, independente da universidade. Seja na Educação Básica ou no Ensino Superior o incentivo a autonomia deve ser constante. Ser capaz de traçar suas metas e ir à busca do seu conhecimento torna-se habilidade imprescindível para qualquer estudante. Assim, espera-se que o discente seja capaz de “interagir e participar socialmente, integrar-se em novas comunidades e criar novos significados para a educação” (KENSKI, 2012, p.67).

A aprendizagem não acontece somente mediada pelo professor, aprende-se entre pares, seja de forma física ou on line. O uso das mídias digitais permite que o discente seja protagonista e autor possibilitando a interlocução. Destarte, o papel primordial do educador na escola contemporânea é transformar sujeitos passivos em cidadãos comprometidos com a construção da própria história (OLIVEIRA NETTO, 2005) . Deste modo, o educador passa de mero “repassador” (FREIRE, 1996) de informações para assumir um papel de mediador, facilitador, supervisor, mas também sendo um co-aprendiz (MASETTO, 2012; VALENTE, 2014; MORAN, 2015). Para isso é necessário que ele seja desafiado por atividades que exijam reflexão, experimentação e ousadia. Oliveira Netto (2005, p. 25) justifica que “decorre daí a necessidade de repensar a perspectiva metodológica, propiciando situações de aprendizagem, focadas em problemas ou no desenvolvimento de projetos, para possibilitarmos a relação entre os diferentes saberes.” O autor ainda afirma que “as maneiras de ensinar e aprender, (...)

devem ser repensadas.”

Dessa forma, o Educador mediador tem a função de provocar, criar perturbações e sensibilizar para a aprendizagem procurando ajudar o estudante na construção do seu conhecimento. Nesse sentido, Kenski (2012, p. 89) aponta a necessidade de se organizar novas experiências educativas em que “as TICs possam ser usadas em processos cooperativos de aprendizagem, em que se valorizem o diálogo e a participação permanente de todos os envolvidos”.

Diante deste cenário o Ensino Híbrido é considerado uma forma de modificar o modo como a escola é vista e de se enxergar o processo educacional por outro ângulo. O relatório do New Media Consortium, Horizon Report, NMC (2016) apresenta o ensino híbrido como uma tendência a curto prazo. Também são apontados o repensar dos espaços de aprendizagem e o uso crescente da Aprendizagem Híbrida.

### **2.1 Desvendando o Ensino Híbrido: muito mais do que o semipresencial**

O Ensino Híbrido é visto como mais do que como uma possibilidade, é uma ruptura no processo de se fazer educação. Possibilita a integração das tecnologias digitais na educação como forma de modificar o ensino (HORN E STAKER, 2015, MORAN, 2015). As tecnologias nesta perspectiva potencializam o processo de ensinar, trazendo novas formas de fazer educação. Integra tanto modalidades *on-line* e presencial para criar uma experiência de aprendizagem coesa, proporcionando aos alunos flexibilidade e apoio. As abordagens híbridas mantêm o potencial para promover a aprendizagem e colaboração independentes, bem como fornecer mais canais de comunicação entre discentes e docentes. (NMC, 2016).

Mais do que uma combinação de modalidades, a utilização da aprendizagem *on line* dentro ou fora da sala, controle do tempo e o ritmo de aprendizagem pelo estudante de forma supervisionada devem estar presentes. Importante ressaltar que nesta perspectiva o professor continua tendo um papel importante no processo. É ele quem direciona o trabalho, detecta o que pode ser aprimorado para que se possa atingir os objetivos, planeja as atividades e seleciona o conteúdo. Entretanto os alunos participam ativamente do processo, selecionando o que querem aprender, cada um no seu tempo e ritmo de forma personalizada e significativa (BACICH, NETO e TREVISANI, 2015).

### **3. Metodologia do trabalho**

O presente estudo tem um cunho exploratório, baseado no método misto descrito por

Creswell e Clark (2013). Foi realizado a partir do levantamento bibliográfico pretendendo identificar e estudar a modalidade semipresencial. A revisão de literatura delimitou-se na conceituação das modalidades de ensino Semipresencial e Ensino Híbrido, tendo foco em três elementos centrais: a tecnologia, a docência e a discência. Elaborou-se uma ficha de análise baseada no instrumento de avaliação de cursos de graduação do INEP (2016). Foram analisados os documentos institucionais, Plano de Desenvolvimento Institucional, Regimentos, Projetos de Curso, Planos de ensino e Políticas Institucionais, buscando estabelecer o cenário da pesquisa e identificar potencialidades e fragilidades, pontos de convergência e divergência dos modelos pedagógicos utilizados pelas duas instituições. Para a escolha da amostra levantou-se os cursos de graduação de duas Instituições de ensino superior que possuíam disciplinas semipresenciais, levando-se em consideração a quantidade de disciplinas por curso e a localização geográfica. Selecionou-se três cursos de graduação de cada instituição para serem analisados neste recorte, aqui denominados cursos A, B, C, D, E, e F.

#### **4. Resultados e discussão dos dados**

Selecionou-se seis cursos de graduação de duas instituições de ensino superior (IES). A primeira é uma instituição centenária, pública, da esfera federal. Possui mais de 120 cursos de graduação e atua nas modalidades presencial, semipresencial e a distância. Atualmente a IES conta com 251 disciplinas ofertadas parcial ou integralmente a distância, distribuídas em 23 cursos de graduação. Além das disciplinas que já foram ajustadas e regulamentadas, há um número significativo de disciplinas que utilizam o Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle como suporte pedagógico e pretendem realizar o ajuste curricular ou reformulação de seus currículos visando integrar a carga horária a distância nos seus projetos pedagógicos.

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) tem sido utilizado como suporte pedagógico nas disciplinas da graduação presencial principalmente para disponibilização de conteúdo e para a realização de tarefas, propiciando a interação e socialização dos discentes, sendo uma forma de extrapolar as paredes da sala de aula e enriquecer a aprendizagem. Nos projetos pedagógicos de cursos (PPCs) são detalhados nos planos de ensino, por cada docente, os procedimentos didáticos das disciplinas no que se refere a proposta metodológica da parte a distância, que ocorrerá no ambiente virtual e com o apoio de outras ferramentas, como o facebook, email, skype, telefone e chats. São pontuados em cada plano de ensino o modelo de tutoria, sendo o professor o próprio tutor, podendo ou não, contar com auxílio de um monitor. Descreve-se também a infra-estrutura de suporte tecnológico, científico e instrumental, a forma de avaliação, que deve prever no mínimo duas avaliações presenciais, a forma de contabilização da

frequência a distância, que é mensurada pelo acesso aos conteúdos, pelas postagens e participações nas discussões on line. Ainda, deve pontuar o tipo de material didático que pode ter apoio de artigos, sites, manuais e outros recursos educacionais abertos. Por fim, deve assinalar a previsão de período de ambientação dos recursos tecnológicos utilizados pelos discentes. Todos os planos de ensino são avaliados pela Coordenação de Educação a Distância da IES. A distribuição da carga horária varia de acordo com cada disciplina e curso. A porcentagem das aulas a distância pode ser de 1% a 20% do total da carga-horária do curso podendo ser distribuída da forma que o colegiado escolher, sendo respeitadas as normativas legais.

Constata-se que os cursos A, B e C, reformulados/ajustados em 2013/2014 são cursos da modalidade presencial, que incorporaram disciplinas integrais e parciais EaD nos seus currículos tornando-se assim, semipresenciais. As aulas presenciais utilizam-se da maior parte do tempo das disciplinas e acontecem de diferentes formas, utilizando palestras, seminários, aulas expositivas dialogadas e resoluções de exercícios. Na parte a distância os discentes assistem às videoaulas, fazem a leitura dos materiais disponibilizados, interagem nos fóruns e resolvem as tarefas disponíveis. Ressalta-se que não há um padrão da instituição ou do curso quanto às formulações das atividades ou dos materiais, ficando a critério do docente.

**Quadro 1: comparação entre os cursos da IES pública**

	Curso A	Curso B	Curso C
Disciplinas semipresenciais no curso	44	3	1
Utiliza o AVA	sim	sim	sim
Possui aulas teóricas em sala de aula?	sim, 80% do curso variando a carga horária por disciplina	sim, varia a carga horária por disciplina	sim, 50% da disciplina
Outras disciplinas do curso utilizam o AVA como suporte pedagógico?	sim	não	não
Tipos metodologias nas aulas presenciais	aula expositiva dialogada, práticas de laboratório, seminários	aula expositiva dialogada, práticas de laboratório, seminários	aula expositiva dialogada, práticas de laboratório, seminários
Papel docente	Na Sala presencial: exposição de conteúdos e mediador No AVA: mediador/ problematizador	Na Sala presencial: exposição de conteúdos e mediador No AVA: mediador/ problematizador	Na Sala presencial: exposição de conteúdos e mediador No AVA: mediador/ problematizador

Fonte: as autoras

A Segunda instituição pesquisada é uma Instituição de Ensino Superior privada, localizada na região sul do país. É uma instituição jovem, que atua principalmente na educação a distância. Possui aproximadamente 50 cursos de graduação e tem atuado nas modalidades presencial, semipresencial e EaD. O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é integrado às disciplinas das três modalidades sendo utilizado para disponibilizar material, aplicar atividades de verificação de conteúdos e para a interação por meio de chats para revisão de conteúdos. Possui ferramentas de organização de estudos de casos, videoconferências e audioconferências e disponibiliza aos discentes a biblioteca virtual e digital por meio de outra plataforma. Ressalta-se a presença de duas perspectivas de semipresencial, sendo uma de acordo com os parâmetros regulamentados pela legislação na qual até 20% da carga horária do curso é realizada a distância e outra em que cursos na modalidade a distância tem características do semipresencial, com aulas que acontecem na sua maior parte a distância e aulas presenciais que acontecem duas vezes por semana.

**Quadro 2: comparação entre os curso da IES privada**

	Curso D	Curso E	Curso F
Disciplinas semipresenciais no curso	Todas	Todas	Todas
Utiliza o AVA	sim	sim	sim
Possui aulas teóricas em sala de aula	duas aulas de 50 minutos duas vezes na semana	quatro aulas de 50 minutos duas vezes na semana	80% do curso
Outras disciplinas do curso utilizam o AVA como suporte pedagógico?	sim	sim	sim
Tipos metodologias nas aulas presenciais	Resolução de Problemas, estudos de caso	Sala de aula invertida, Resolução de Problemas, estudos de caso, oficina interdisciplinar, atendimento personalizado	Sala de aula invertida, Resolução de Problemas, estudos de caso,
Papel docente	Na sala presencial: Orientador, mediador, problematizador No Ava: Motivador	Na sala presencial: Orientador, mediador, problematizador No Ava: Motivador	Na sala presencial: Orientador, mediador, problematizador No Ava: Motivador

Fonte: as autoras

Os seis cursos pesquisados possuem pontos de convergência e divergência entre seus modelos. Destaca-se no papel discente, a busca pela autonomia e a posição de pesquisador em ambos os modelos, que utilizam a mediação das ferramentas próprias da educação a distância. A busca pelo conhecimento e a superação da passividade (FREIRE, 1996) são colocados nos projetos pedagógicos como elemento essencial para o sucesso, bem como a necessidade de interação e interatividade (BELONI, 2008) e a relação que o discente estabelece com o conteúdo se responsabilizando por seu

aprendizado. (KENSKI, 2012)

A presença de materiais multimidiáticos (FILATRO, 2008; SHERER, 2012) se faz presente como condição indispensável nestes modelos uma vez que a educação a distância é mediada pelas tecnologias de informação e comunicação (BRASIL, 2005) permitindo o acesso a videoaulas, livros e outros materiais didáticos, ainda que haja diferenças de produção entre a IES pública e privada.

Percebe-se que o papel docente nas duas IES diferem-se em muitos aspectos, ainda que na sua essência seja o mesmo, de ensinar. A maneira como as duas IES tratam esse processo (de ensinar) podem se diferenciar começando pela maneira de organização das aulas.

No Curso F por exemplo todos os docentes tiveram que se adaptar a ensinar utilizando a metodologia de sala de aula invertida (HORN e STAKER, 2015) e aprendizagem baseada em problemas, mesmo os que não acreditavam em tal metodologia por uma opção de abordagem metodológica feita pela IES. Nesta abordagem, o professor assume o papel de mediador, facilitador, apoiando, dando feedback, orientando nas dúvidas e ajudando os alunos a progredirem a partir dos estudos realizados por meio dos materiais instrucionais. (MORAN, 2015; VALENTE, 2014 )

Na IES pública a discussão sobre as metodologias e as diversas abordagens pedagógicas é lenta e acontece a duras passos, sendo mais comum encontrar nos planos de ensino descritos aulas presenciais e a distância, baseadas na transmissão de conteúdos. Não há, nesta IES, uma posição institucional sobre a maneira de ensinar.

Também, não há um padrão quanto a porcentagem da presença física do discente. Cada um dos modelos descritos tem a sua interpretação da legislação e adequou o tempo a sua necessidade. Na IES privada o tempo em sala de aula é, usado para aprofundamento, discussões, ampliação e aplicação prática. Nesta lógica, mudam o papel do professor e do aluno. (Manual do aluno IES privada, 2017)

## **5. Conclusões**

Até o presente momento a pesquisa permitiu demonstrar a maneira como duas instituições de ensino superior do sul do país utilizam a modalidade semipresencial na graduação. As duas Instituições pesquisadas avançaram nos últimos anos no entendimento e implementação do modelo semipresencial nos seus cursos tendo maior expansão deste modelo nos últimos três anos. O estudo demonstra que a normativa



legal orienta as instituições, porém há formas diferentes de implementação da modalidade semipresencial em uma mesma instituição.

Quando se compara cursos de diferentes instituições há ainda mais diferenças na forma de execução, seja na motivação de utilização da modalidade, função do ambiente virtual, metodologias de ensino, dentre outras. A utilização do ambiente virtual de aprendizagem pôde ser identificada em todos os modelos descritos, sendo utilizado para disponibilizar materiais e propiciar interação entre docentes e discentes por meio de inúmeras ferramentas. O papel do docente e do discente na modalidade semipresencial apresenta rupturas com o ensino presencial exigindo remodelação e adaptações. Em ambas as modalidades, presencial, semipresencial e a distância, torna-se essencial a utilização de metodologias ativas propiciando situações de aprendizagem que desafiem o aluno permitindo a construção da autonomia, propiciando ao discente ser protagonista do seu conhecimento. Aponta-se a necessidade de compreensão, em estudos futuros, sobre o engajamento discente frente às novas abordagens metodológicas.

## Referências

ABED. Censo EaD.br **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil**. Censo EAD.BR – Curitiba: Ibpex. 2015

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso. 2015

BELONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3ª edição, autores associados. 2008

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 2.253, de 18 de Outubro de 2001**. Brasília, disponível em: Acesso em: 18 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Portaria nº 4.059, de 10 de Dezembro de 2004**. Regulamenta a oferta de carga horária a distância em disciplinas presenciais. Brasília, 2004 disponível em: [Acesso em: 14/09/2016](#)

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Decreto 5622 de 25 19 de dezembro de 2005**. Regulamentava o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: Acesso em: 02/06/2017

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.134, de 10 de Outubro de 2016**, Brasília, 2016. Disponível em: acesso em: 4/11/2016

\_\_\_\_\_.INEP. Ministério da Educação. **Instrumento de Avaliação**. Brasília, 2016.  
Disponível em: Acesso em: 09/03/2017

BRITO, G. PURIFICAÇÃO, I. **Educação e novas tecnologias: um (re)pensar**. Curitiba. Intersaberes, 2012.

CRESSWELL, J. W. CLARK, V. L. P. **Pesquisa de métodos mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 288 p. (Série Métodos de Pesquisa). 2013

FILATRO, Andrea. Design instrucional na prática. Pearson, São Paulo. 2008

FREIRE, Paulo – **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996

HORN, M. B. STAKER, H. Blended: Usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015

KENSKI, V. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Editora Papirus, São Paulo, 2012.

IES PRIVADA, **Manual do aluno**. Curitiba, 2017

MASETTO, M. T.(Org.). **Inovação no Ensino Superior**. 1ed.São Paulo: Edições Loyola, 2012

MORAN, José Manuel. **Mudando a educação com metodologias ativas** in: Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens. Vol. II, Coleção Mídias Contemporâneas. UEPG/PROEX, 2015.

NMC, **Horizon Report: Higher Education Edition 2016** Disponível em: Acesso em: 05/05/2017

OLIVEIRA NETTO, Alvim Antonio. **Novas Tecnologias & universidade: da didática tradicionalista à inteligência artificial: desafios e armadilhas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

SHERER, Suely. **Concepções e Métodos de Estudos em EaD**. Curitiba: UFPR, 2012

VALENTE, J. A. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 4, p. 79-97, 2014.